

m u t g a m b

Mutsaz Verão



# Editorial

"Acho que nasci metarecicleira. Amo as tecnologias obsoletas, tudo low me fascina. Iniciei meus estudos construindo mimosas, montando autolabs, hoje pratico a cozinha solar e prefiro as bicimáquinas para gerar minha energia.

Ao receber o convite para ser a editora dessa edição do MutSaz, o tema gênero re-emergiu neste outro coletivo. A idéia era resgatar a história de mulheres e tecnologias livres, já á que este é um universo tão amplo e íntimo que tem que ser resgatado, incentivado, re-vivido.

Esse resgate veio paralelo a uma re-descoberta dessas categorias. Porque tememos usar a palavra mulher para falar de sentimentos tão comuns a nós?

Depois de anos em coletivos de "gênero e tecnologia", ações de linguagem inclusiva, oficinas entre mulheres, tanto gênero quanto tecnologia foram perdendo o sentido para mim.

Teoria queer, fetichismo e tecnocracia se misturavam num calde

irão caloroso nas listas de discussão, mas que no meu dia a dia

significava apenas mais horas em frente ao computador, indignada com as respostas e nada de significativo acontecendo, nada de melhorias efetivas na minha vida como mulher e techie.

Ao mesmo tempo, praticando a permacultura, descobri um novo universo tecnológico minoritário que fazia muito mais sentido para mim.

Comecei a trabalhar esta edição desde um Quilombo sem energia elétrica, usando um ponto de luz de uma praça pública.

As contribuições enviadas ao MutSaz tangenciaram levemente esse universo - textos que trouxeram à contemporaneidade mais das velhas questões que nos afetam: a



desigualdade entre os gêneros, a mulher mãe x a mulher puta, o ativismo feminista.

Assim como as contribuições sonoras e visuais da ADAmachine, um vídeo sobre a história de mulheres e tecnologias na Espanha e fragmentos de áudio-poemas feitas pelo coletivo feminino (sim, não totalmente feminista). Duas contribuições foram enviadas por homens: entrevistas feitas com mulheres sobre sua formação política e envolvimento com tecnologias.

O processo de feitura da edição foi uma ação paralela que envolveu mulheres e tecnologias livres. Depois de nos encontrarmos em um encontro tech feminista, o EncontrADA, fizemos um processo intenso de trabalho para aprontar tudo à tempo de apresentar no Encontrão Hipertropical de Metareciclagem. Foi minha descoberta da ferramenta Hot-glue que pode integrar todas as contribuições enviadas e os remixes e teceturas que fizemos com os materiais. Agradeço imensamente a todas que se dispuseram a co-laborar consigo nessa teia com esse prazo super curto (2 semanas!), inclusive aquela que teve que deixar de lado o trampo pois sentia que a tarefa-vaca comedora de alfafa (mãe) era, certamente, mais importante.

Esta edição divide-se assim em uma publicação, um sitio contendo os audios e videos, assim como remixes destes. Boa leitura, boa navegação, boas vibrações!"

Tácira,  
Editora do Mutsaz Verão 2012

# Coletivo Editorial

Adriano Belisário

Felipe Fonseca

Maira Begalli

Mariel Zassot

Tatiana Prado

Tatiana Wells

Teia Camargo

Sília Moan

Orlando da Silva



\* Um dos grandes responsáveis e idealizadores do projeto do MutGambô é Daniel Pádua que faleceu em novembro de 2009, mas continua intensamente presente em cada trabalho que realizamos.

# Participantes:



AdaMachine

Isis Rosa

Maira Begalli

Elenara Vitória Cariboni label

Lula Pinto



Mutsaz Verão 2012

Lula  
lulaflei@gmail.comz

Maria Ca\*tarina  
eabel.lelex@gmail.com



lembrei desse vídeo produzido pelo coletivo Donestech da Catalunha  
“Código Lela”, com histórias

de diversas mulheres envolvidas com tecnologias (não só livres). Segue  
o link, com legendas em  
castelhano e inglês...

<http://subvideo.tv/player.php?id=88&sv=70>

▼ ersão funkeira da mulher-mãe/mulher-puta

<http://www.youtube.com/watch?v=oj6XdpisLRc>

Quando a mulherada der um basta nessa dictomia mulher-mãe/mulher-puta, ela se tornará LIVRE!!!

Isis Rosa  
isisrnd@gmail.com

## ►ão existe a igualdade entre gêneros

Não quero ser igual aos homens. Aliás, nem se quisesse conseguiria. Nasci com os dois cromossomos “sexuais” femininos XX – e não os XY masculinos. Vim ao mundo com os órgãos reprodutores femininos, tensão pré-menstrual, tenho menos força física que a maioria dos homens da minha própria estatura. Poderia amenizar essas características para me tornar mais parecida com um homem? Sim, mas não quero – e nada contra quem tem esse desejo. As pessoas, por essência, por nascença, por vontade, são diferentes. Devo ser respeitada pela mulher que sou. Nossa cultura brasileira está muito, ainda, presa às dicotomias. Ou se é feminista, ou se é machista.

Se parece atraente, não deve ser inteligente. Se gosta de se cuidar, é fútil. Se se diverte com futilidades, não tem conhecimentos gerais. Recebo muito, mas muito e-mail de homens reclamando da minha posição neste blog dizendo que sou feminista radicalmente exagerada. Pleonasmo. Eu sou mulher, sinto minha condição feminina na pele e quero alertar contra o preconceito que sofremos diariamente – sim, todo dia – nessa

bola de neve calorenta.

Recentemente, uma amiga foi a uma entrevista de emprego feita pela pessoa que seria o chefe dela. Uma semana depois, ele ligou pedindo para que retornasse à empresa para conversar mais uma vez.

No local, o tomara-futuro-chefe revelou que, entre os mais de 100 currículos recebidos e sabe-se lá quantas entrevistas feitas pessoalmente, ficou em dúvida entre três mulheres. Após duas semanas de expectativa, recebeu o telefonema: um homem foi contratado. O diretor do tomara-futuro-chefe não aceitou uma mulher preenchendo o pretendido cargo de chefia. Pensava que ela – uma mulher! – não conseguiria liderar os subordinados homens.

Segundo pesquisa do IBGE, o salário médio mensal das mulheres (R\$ 983) é cerca de 30% menor que o deles (R\$ 1.392). O curioso é que, segundo o mesmo Censo 2010, as mulheres estudam mais que os homens. Essa discriminação é tamanha que a “bancada feminina” quer votar um projeto de lei para multar as empresas que pagarem salário menor para as mulheres que realizam a mesma atividade dos homens. E isso acontece

em diversas áreas do conhecimento. Já li muita pesquisa sobre mulheres que pensam em abandonar a profissão voltada às pesquisas científicas devido à impossibilidade imposta pelo mercado de ter filhos e continuar trabalhando – veja algumas matérias aqui e ali.

Não sou café-com-leite por ser mulher. Não sou boneca de luxo. Sou fera, sou bicho, sou anjo e sou mulher. Eu sou de ninguém. Sou contraditória. E, como toda mulher, sou meio Leila Diniz. Mas tenho vontade própria, não faça algo com o outro porque imagina que ele queira e não assume explicitamente. Eu sou minha, só minha e não de quem quiser.

+





maira begalli  
ce0064@gmail.com

# La Barbe

**T**enho acompanhado de perto, por mais de um ano, as atividades do grupo La Barbe. Ontem tive o prazer de celebrar o Dia Internacional da Mulher com elxs, filmando sua intervenção mais recente.

La Barbe é um grupo ativista (“barbe” significa “barba” em francês e “la barbe” é também uma expressão para “basta!”), fundado em 2008, com o objetivo de elucidar debates sobre a dominação masculina na economia, na política, na cultura e na sociedade em geral. Xs membrxs da La Barbe costumam visitar eventos “dominados” por homens, usando uma barba. Então, um(a) porta-voz do grupo, sarcasticamente cumprimenta o anfitrião do evento e o elogia por manter as mulheres do lado de fora. A reação comum, dos organizadores de eventos, painelistas e participantes é sorrir, por causa da ironia inteligente grupo.

O evento de ontem foi completamente diferente. Para o Dia Internacional da Mulher, xs organizadores de La Barbe enviaram um convite à todxs xs seus membrxs, convocando uma reunião na Place de la Nation (Paris,

França), para ajudá-ixs a colocar barbas nas estátuas no meio da praça.

LA BARBE – March 8th 2012 from Elena Rossini on Vimeo.

Se você não entende Francês, aqui está a tradução da fala de Corentine no vídeo (também disponível em full HD, nesse link):

“Hoje os partidos políticos, especialmente os grandes, preferem pagar multas ao invés de aderir as

leis e permitirem que mulheres preencham cargos políticos dentro de seus partidos. Na manifestação de hoje, pedimos que as pessoas adotem uma nova moeda fictícia, batizada de “erétil”

e que façam doações. Pedimos ajuda para os partidos políticos pequenos e grandes para fazerem os seus candidatos mais viris. Estamos muito impressionadxs em ver como os homens continuam a resistir e não

querem dar qualquer espaço para as mulheres, deixando-as fora dos papéis políticos.

Convidamos você para ajudar a incentivá-los, fazendo doações em “erétil” no site especial que criamos para a ocasião.”

Como Corentine menciona, a França possui várias leis de igualdade de gênero, mas existem brechas.

Os partidos políticos preferem pagar multas pesadas ou perder os subsídios, em vez de atingir o número mínimo de representantes femininas. Por exemplo, o partido político de Sarkozy terá que pagar 4 milhões de euros em multas nesse ano, pois apenas 28% de seus candidatxs são mulheres.

No último Relatório Global Gender Gap, que mede o índice de desigualdade entre gênero, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, a França ficou em 48º lugar de 135 nações. Ou seja, bem atrás de países como a Letônia (19º), a Guiana (38º) e o Quirguistão (44º). Os franceses ainda possuem um longo caminho para percorrer, mas o aumento da militância e consciência pública talvez possa desencadear uma mudança radical.

Elenara Vitória Cariboni Iabel  
eialbel.lelex@gmail.com

# Breves reflexões sobre amantes e triângulos na ordem vigente

+

“Há sempre algo de ausente que me atormenta”

(Trecho de carta de Camille Claudel a Rodin)

**E**m histórico encontro com Simone de Beauvoir, nos idos anos 70, discutimos muito a questão da divisão entre a mulher-mãe e a mulher-puta (*La mère x La putain*). O curioso é que chegamos ao século XXI sem ter conseguido a construção da mulher unitária, a mãe como entidade que reúna caracteres femininos e masculinos, força e fragilidade, guerra e paz, amor e raiva.

Como escreve Marta Suplicy em “De Mariazinha a Maria”, a Mariazinha vai aprendendo que ser boazinha significa ser dependente e fiel seguidora

da opinião dos pais, obedecer, e é nessa tarefa que se empenhará. É um aprendizado que a aliena de si mesma... A capacidade de aprendizagem da mariazinha não será usada para se emancipar como os meninos, mas para se antecipar às exigências dos adultos. Ela é treinada para ser preceptiva do desejo dos outros e não do seu próprio... Ela é biologicamente igual à mãe, irá ter filhos, amamentá-los, reproduzi-los. O estereótipo continua assim intacto, a reprodução da mulher subserviente e alienada de si mesma se perpetua.

Contradictoriamente, a maior escolaridade e o ingresso no mercado de trabalho, não trouxeram, proporcionalmente, em relação à construção de uma nova mulher, o resultado esperado.

Continuamos a não conseguir identificar na mulher, com a freqüência que gostaríamos, o prazer de ser mulher .

Quando nos referimos ao prazer sexual, principalmente, muitas mulheres ainda se colocam como objeto, é freqüente ouvirmos “Ele se aproveitou de mim”, ou, “Ele se aproveitou dela e se foi embora”. A mulher acredita-se vítima, objeto de prazer. Parece implorar “Somos objetos, mas por favor, reconheçam somos objetos de valor! Não se desfaçam de nós”.

Este comportamento feminino confirma apenas a condição de objetos .

Na verdade é necessário que a mulher nas relações amorosas e性uais se sinta como alguém que vê no parceiro um recipiente capaz de conter as suas emoções. A grande magia do sexo é a possibilidade de sermos sujeito e objeto ao mesmo tempo. Quanto mais eu servir ao outro, quanto mais eu me servir do outro, mais prazerosa será a nossa relação. Acontece que a mulher “nasceu” para servir: as esposas (mães) são os objetos de mesa:

valorizadas, aplaudidas, mas funcionando apenas para fins de representação social . As amantes são os objetos de cama: erotizadas, apaixonadas, mas funcionando apenas para a cama.

A dicotomia mulher-mãe/mulher-puta urge ser superada. A mulher tem de se ver como sujeito. Tem de canalizar a fêmea (sujeito de experimentação individual) para a mãe (sujeito de vivência altruísta) .

Fato é que, na educação das meninas, ainda hoje, continua-se a contar os contos de fadas de forma que a mãe seja a fada e a mulher seja a bruxa. A bruxa é aquela entidade que tenta afastar a princesa da companhia do

pai ou do príncipe encantado, ou seja, o elemento masculino.

Os contos de fadas representam simbolicamente o conflito do processo de individuação feminina, em que a princesa, afastando a bruxa, assume seu papel de menina bondosa e compreensiva, com quem o príncipe irá se casar e ter filhos .

É curioso observarmos que, para a mulher, mais forte do que a sensação de casar com o príncipe é a idéia de ser ela a princesa. Grande parte das mulheres casam-se imaginando-se princesas e morrem com essa crença. O problema não é ficar o resto de vida sonhando com o príncipe, mas sim ficar o resto da vida imaginando-se de princesa!

Transferimos para a nossa vida social a maneira como brincamos e representamos na infância. Os meninos desmancharão as figurinhas que lhe foram dadas, sob forte sentimento de culpa. A culpa, que é a forma mais perversa de controle social, será usada para obrigar o menino a reconstruir a

imagem destruída. Assim os homens passarão a vida inteira lutando contra o sentimento de culpa e as mulheres a vida inteira lutando contra o medo da perda. Para a mulher, viver significa quase sempre ter algo

ou alguém para cuidar. Não poder servir, para a mulher, significa cair no vazio.

Só revertendo este modelo, só transformando a mãe biológica em mulher que chore, ria e goze, poderemos alterar este quadro. A mãe não pode continuar a ser um sujeito disjuntor dos sexos, ela tem de ser sujeito aglutinador. Não mais Nossa Senhora, mas uma mulher de muitos e profundos orgasmos.

Claro que a figura da mãe é essencial à manutenção do sistema, ela é a pedra basilar para a perpetuação da propriedade privada, daí a necessidade de todos nós que pensamos um mundo mais justo e igualitário mergulharmos na discussão e na meta de implosão da mulher mãe.

Mas, enfim, para que sistema tenha sobrevivido até agora e continue sobrevivendo à contradição, criou-se o mecanismo social de dividir as mulheres em, categorias :

1.- As mães : mãe biológica e mãe social (esposas, namoradas, tias, irmãs e avós);

## 2.- As mulheres : prostitutas e amantes .

As primeiras com a função de resguardar espaços públicos, a ordem, a necessidade de posse, em resumo o mundo social propriamente dito.

As segundas reservadas à experimentação do espaço privado, da individualidade, já que a mãe , entendida da forma que é, não permite ao homem concluir seu trabalho de individuação, de formação da masculinidade. Como são as mulheres e não as mães que ameaçam a ordem vigente, foi necessário cultuar e glorificar as primeiras e marginalizar as segundas. Em relação às prostitutas não foi difícil, uma vez que bastou colocar a sexualidade como uma mercadoria nas prateleiras do supermercado da vida.

Contudo, não só de sexo vive o homem, há que considerar que os sentimentos ainda o habitam e que estes ainda não estão totalmente absorvidos pelo mercado. Nesta medida, o homem continua precisando da mulher e, para satisfazer sua necessidade, criou a amante. A amante é o corredor social, a saída que o homem encontrou para viver sua própria individualidade, que nada mais é do que ajustar-se, encontrar-se como elemento masculino.

Sua tese é boa, mas há que considerar que num universo onde a mulher é educada para ser uma eterna assistente social, não há como evitar a frustração, também a amante está ausente da mulher, pois esta é muitas vezes obrigada a desempenhar um papel de fêmea muito mais imposto pelo parceiro do que pelo fruto de seus desejos íntimos, não introduzindo assim novas forma de viver social. Apenas reproduz e mantém o velho sistema arcaico-burguês.

Para o homem, a relação com a amante é prazerosa porque representa o elo perdido na formação do sistema, a peça do quebra-cabeça que faltava ao homem para chegar ao orgasmo de se descobrir homem. Por isso separar-se da amante acarreta dor, pois é como estar se desligando de uma parte que é sua, ou seja, é como desligar-se de si mesmo. A dor, o homem supera bem, pois foi condicionado para tal. O problema dele é a culpa, este é o sentimento que vai prevalecer, pois somente este promove o encontro do homem com a imagem que ele precisou destruir: a imagem da mulher. Só a culpa o faria permanecer ligado e se juntar novamente ao elemento que ele aprendeu primordialmente a odiar: a mulher. Não a mulher verdadeira, mas a mulher-mãe .

A figura da amante poderia ser realmente revolucionária se não servisse

para manter o casamento e a ordem no atual sistema. Acontece que muito embora a amante possua todo o potencial para isso, não consegue subverter a ordem, ao contrário, acaba por conservá-la e reproduzi-la.

As amantes aceitam passivamente o espaço da sombra que lhes foi reservado. Assim como as prostitutas, as amantes muitas vezes devem se contentar em vivenciar seus romances em quartos de motéis ou em casas afastadas do círculo social do homem. Para as mulheres, basta o convívio com o parceiro, de preferência nos dias úteis, pois os finais de semana e feriados são os dias que a tradição reservou para o usufruto da família nuclear.

O homem como elemento criador não sofreu mudanças. A amante continua sendo uma serviçal e não uma mulher. A vivência dela não é muitas vezes uma vivência de sujeito como mulher. A amante faz o papel de uma mãe que se fantasiou de mulher, tendo como fim a continuidade do casamento do indivíduo com a mãe.

Em vez da mulher amante vivenciar sua sexualidade, independentemente de interpretar o papel de mãe, e o homem reencontrar seu caminho, assistimos a amantes querendo trocar de papel com as mulheres

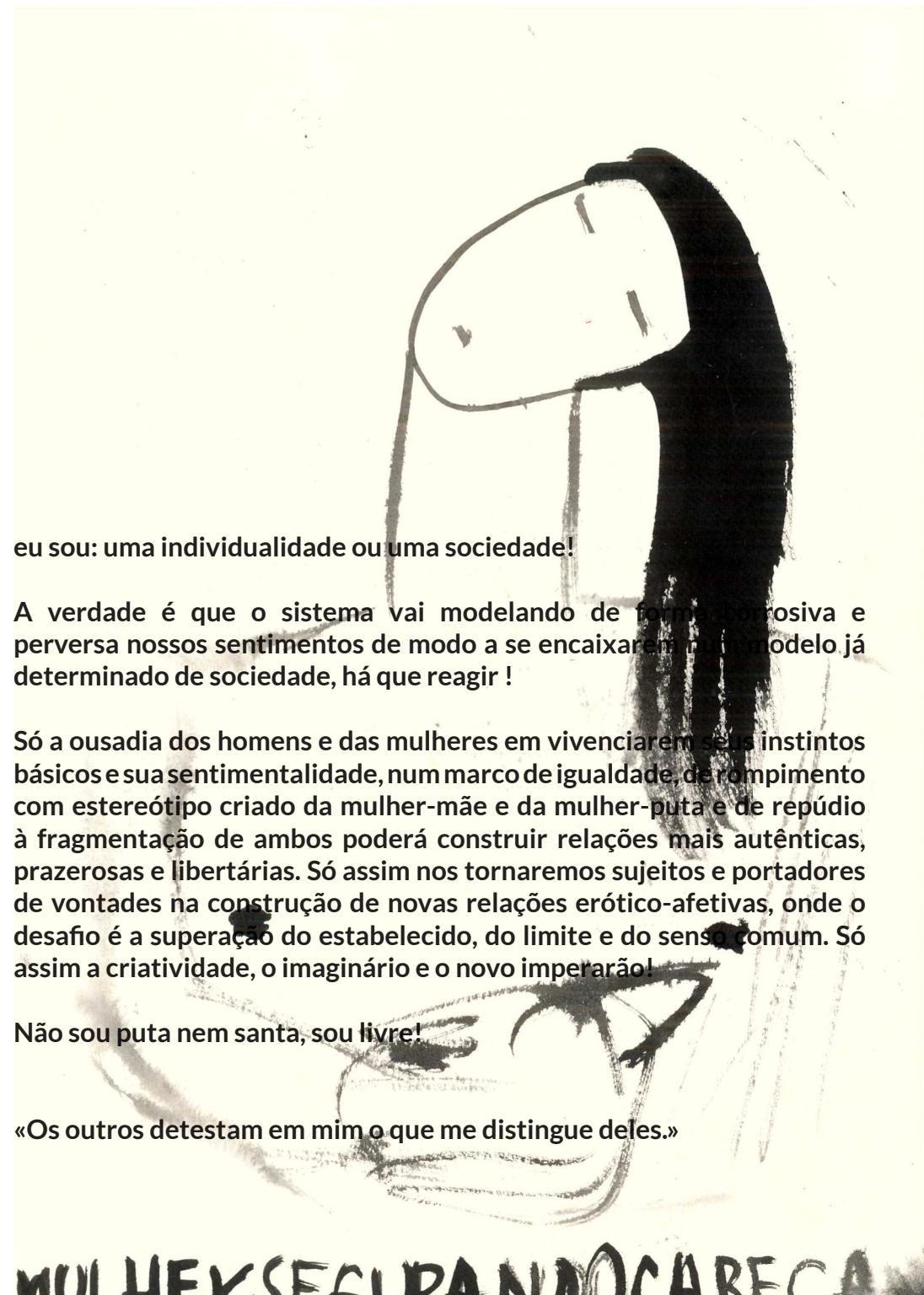
oficiais e estas querendo ser tratadas como amantes, ou seja querendo se sentir única e exclusivamente fêmeas e os homens cultivando um sentimento de culpa por causa da ambigüidade da situação. E o pior de tudo: a descoberta da amante não introduz novas normas mais livres de vivências sexuais e sentimentais, mas fortalece mais a velha ordem.

O triângulo amoroso é uma ilusão social. Não existe uma figura de 3 vértices, mas há apenas um tipo de relação que aparentemente desdobra-se para encobrir o engodo e o desconforto de se estar casado com uma figura igualmente irreal: a mulher-mãe. Serve para encobrir o desconforto de se viver única e exclusivamente em função do sistema.

O triângulo amoroso preserva o casamento, mas preserva-o naquilo que tem de pior: na ilusão, no falso juramento de "serem os dois um só corpo e um só coração até que a morte os separe". A

traição começa no altar, quando iludimos nossos corpos e nossos desejos, entregando-os para o outro tomar conta e comandar o mais precioso núcleo de nossa individualidade!

O grande dilema do triângulo não é saber com quem eu fico, mas quem



Cinthia Mendonça - ADaMachine  
cinthiamendonca@gmail.com

# ADaMachine> Experimento #1 Fragmento

deslocamento, energia, demandas) e a presença virtual facilmente representada por um ícone. Mas cuidado, atravessá-la implica risco e o risco nos leva instintivamente ao tônus máximo da presença.

+

.....  
Eu não estou aqui

Me custa estar. Não poderia tanto. Isso envolve tantas coisas...

Isso de olhar nos olhos é complicado, você se compromete, se revela. É expôr-se demasiado e eu não poderia...

Bem, se a gente começa por aqui, aí quem sabe, num outro momento, eu até que poderia... Mas para isso, antes, preciso me preparar: organizar as coisas, tomar banho, escolher a roupa, respirar fundo...

Inspiradas na frase do catalão Antoni Muntadas que diz: Percepção requer envolvimento, construímos uma ponte sensível entre a presença corporal (levando em conta tudo que isso implica:

Aqui é tão cômodo, entende? Isso aí requer envolvimento...  
\_percepção?

É.

.....

A presença como fenômeno relacional por ser real e virtual se confunde em presenças diversas.

Consideramos a potência uma das qualidades da presença. Dentre as outras qualidades temos ainda:

tempo, ritmo, duração, resposta cinestética, repetição, forma, gesto, arquitetura, massa sólida, textura, luz, cor, som, relação espacial, topografia, volume, tom, aceleração, silêncio e, às vezes, alma.

<http://cinthia.mobi/adamachine/>

<http://soundcloud.com/ccmais>

No Experimento # 1 somos: Cinthia Mendonça. Paloma Oliveira. Virginia Maria. Thiago Hersan

(Brasil), Maíra Sala. Laura Malinverni (Barcelona), Lisa Kori Chung (Hawai) y Andrea Melissa

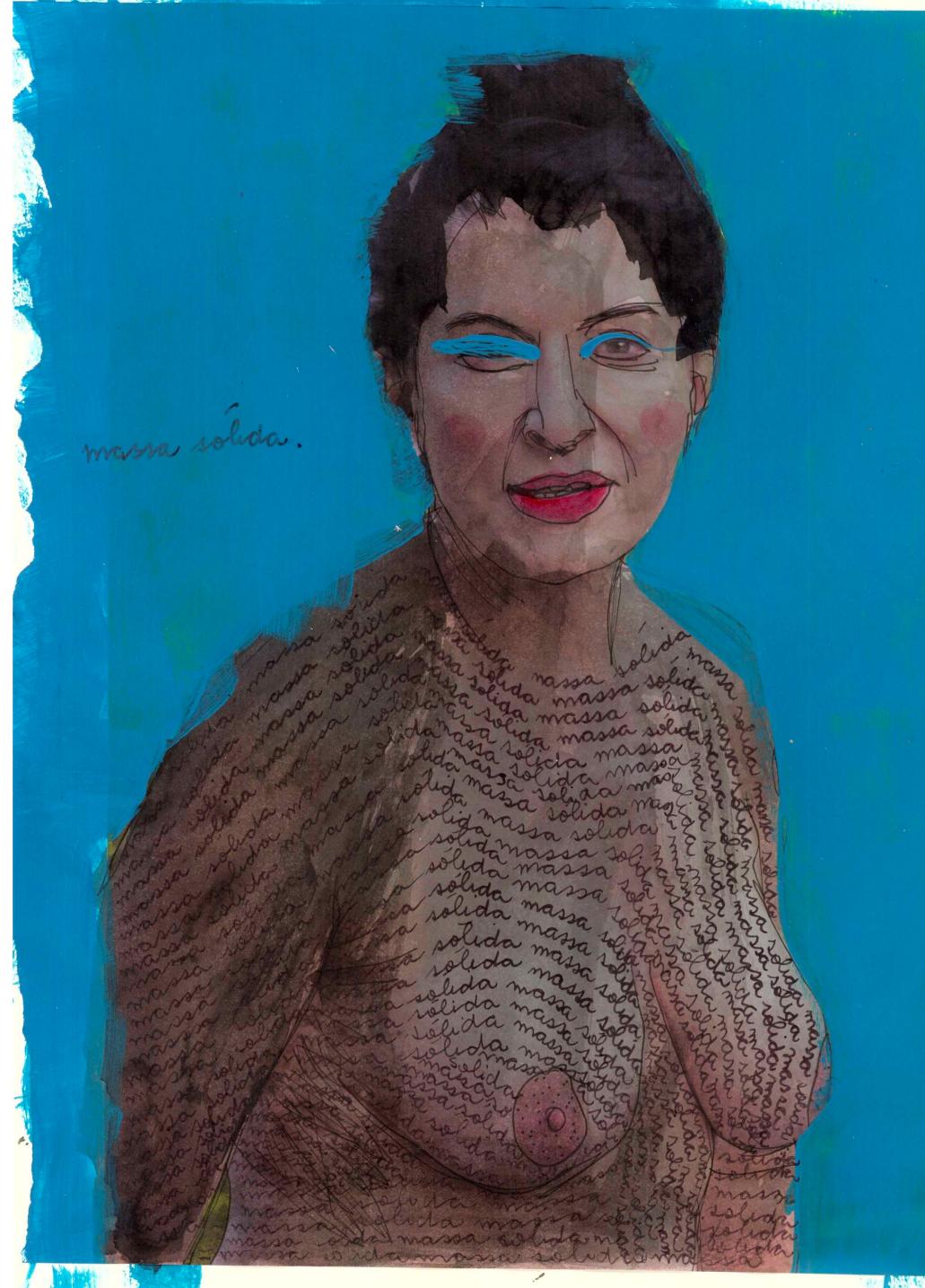
Salvador. (Buenos Aires)

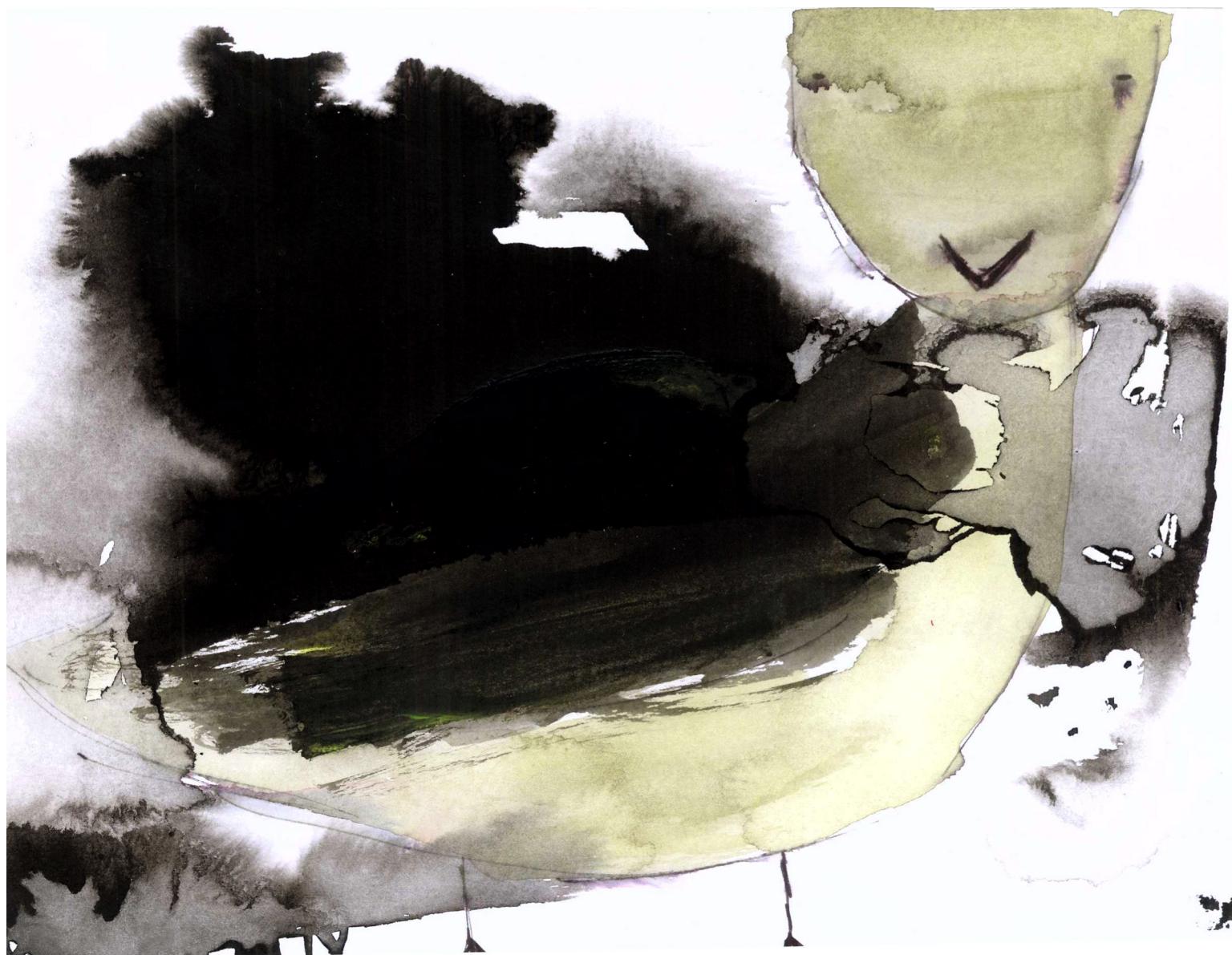


# Miticidade Animal

-E mais que isso, você tem uma violência muito silenciosa que eu acho que é a pior violência. É logico que apanhar não deve ser nada bom, mas essa violência simbólica... Por exemplo, o câmera nunca é uma mulher, sempre são homens ocupando certas posições em que você dificilmente vê uma mulher e quando vê, dé sapatão, uma coisa desse tipo. É essa questão de denegrir a mulher. de dizer dessa mulher é mecânica? Então ela é sapatão-

Drica Veloso





-nesse sentido, vem desde pequeninha, eu adorava desmontar carrinhos e aquilo nunca era uma coisa pra menina, né? E então você tem isso, as mulheres em geral tem isso, é como quando um menino começa a brincar de boneca o tempo inteiro, e eu acho que os homens também sofrem um certo tipo de repressão, porque, enfim, se a criança começa a ficar brincando de boneca o tempo inteiro, os amigos vão chamá-lo de veadinho fácil.-

Dríca Veloso

Fragmento

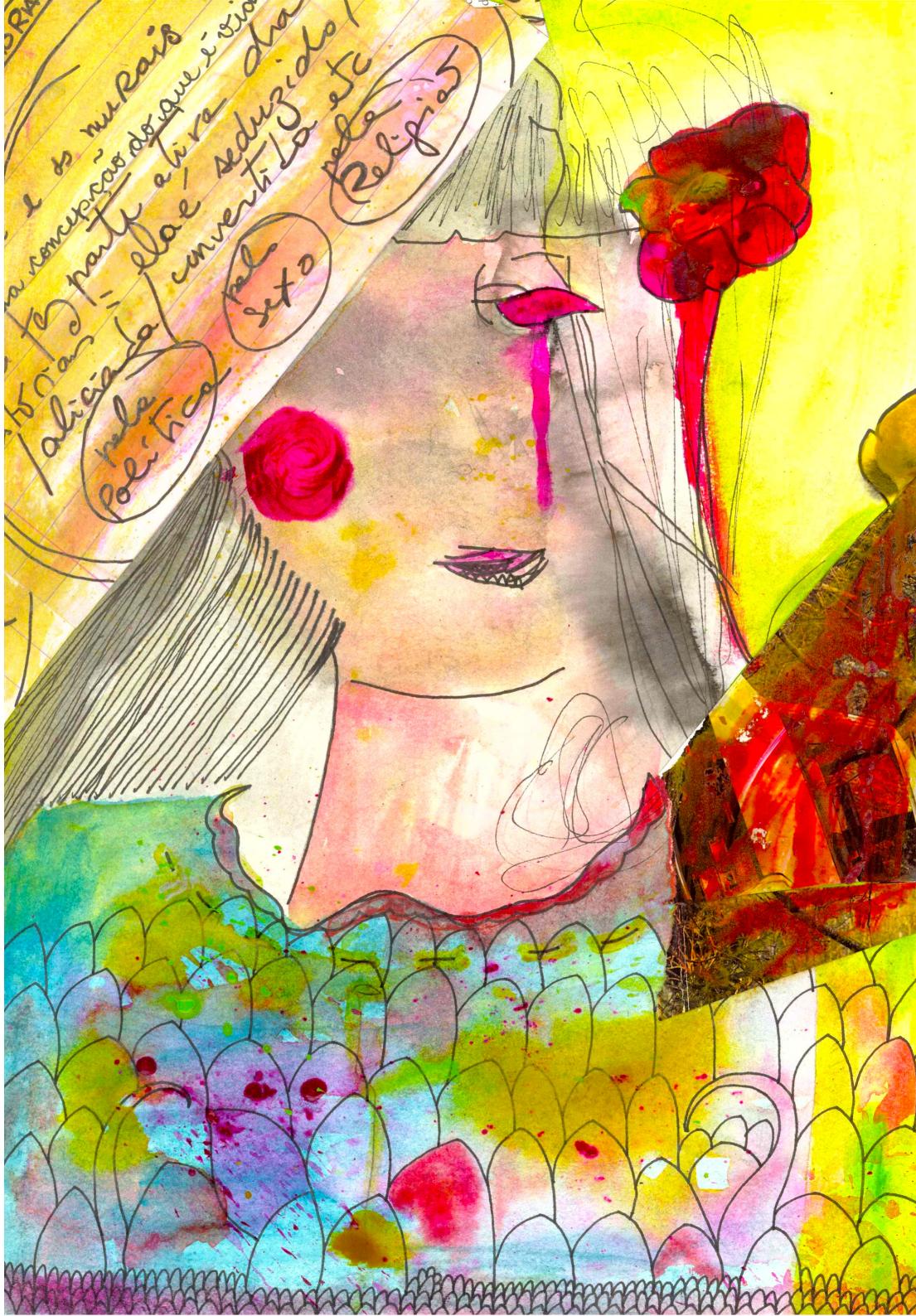




Posso.

Cita

cões



## Beth de Oxum

“Se a educação formal, se a universidade tivesse de fato o compromisso da extensão, que universo de aprendizados se teria! Se as universidades de fato abrissem suas portas, derrubassem seus muros nessa perspectiva de entrar literalmente em sua sociedade, buscassem compreender sua complexidade, estudá-la de forma mais próxima (...) na sua prática em essência, na sua praticidade.”

“E agora concretamente com essa possibilidade da troca (...) entre as comunidades, a gente encontrou muita gente parecida, que pensa, que age... Aqui no coco de umbigada nós somos um terreiro, nós temos a matriz africana como referência, um coco que vem da família, que vem da ancestralidade, porque a gente entende que a cultura popular desse país vem de fato do terreiro, o grande guardião mantenedor salvaguarda dessa brincadeira. Desde os primórdios, há muito, lá atrás dos índios, dos negros. E essa brincadeira dos terreiros agrupa as pessoas, articula a comunidade, como o maracatu, o afoxé, o coco, o samba de crioulo, o samba de angola, o jongo, um universo de brincadeiras que juntam as pessoas. E essas brincadeiras convivem há uma eternidade com a intolerância, inclusive da política pública. Você sabe que quando a política pública é intolerante (...) você não tem pra onde ir. Os terreiros mesmo, a celebração dos orixás foi proibida aqui em Pernambuco. Há 50 anos

atrás ainda era proibido por força da lei celebrar os orixás, nossos avós lembram do coco em conflito com a polícia. Isso vem de muito trabalho, muita força, muita resistência para poder mudar esse contexto. E hoje, a gente tem um paradigma dessa tecnologia, dessa rede que aproxima esses terreiros, que aproxima essas pessoas.”

“No carnaval passado fizeram uma oficina de rádio, trouxeram um transmissor, trouxeram a antena, e a gente ficou com a rádio aqui, a Rádio Amnésia que é nossa, do movimento de rádio livre que roda o Brasil todo. E eu achei engraçado porque “Rádio Amnésia”... será um trocadilho? Porque, na casa da memória, a rádio tem amnésia. É uma brincadeira com o Brasil porque o país não tem memória, mas aí começamos a discutir muito sobre a questão da comunicação, a comunicação como um direito cidadão, a comunicação regionalizada, para poder dar visibilidade às nossas brincadeiras.”

“A gente não discutia comunicação, eu não entendia direito toda essa complexidade política que tem por trás disso, da comunicação no Brasil, das famílias que são donas da comunicação, que as rádios comunitárias são proibidas, assim com uma série de interesses, que é liberada pra um e não pra outro a própria questão da TV pública. Rádio por exemplo, aqui

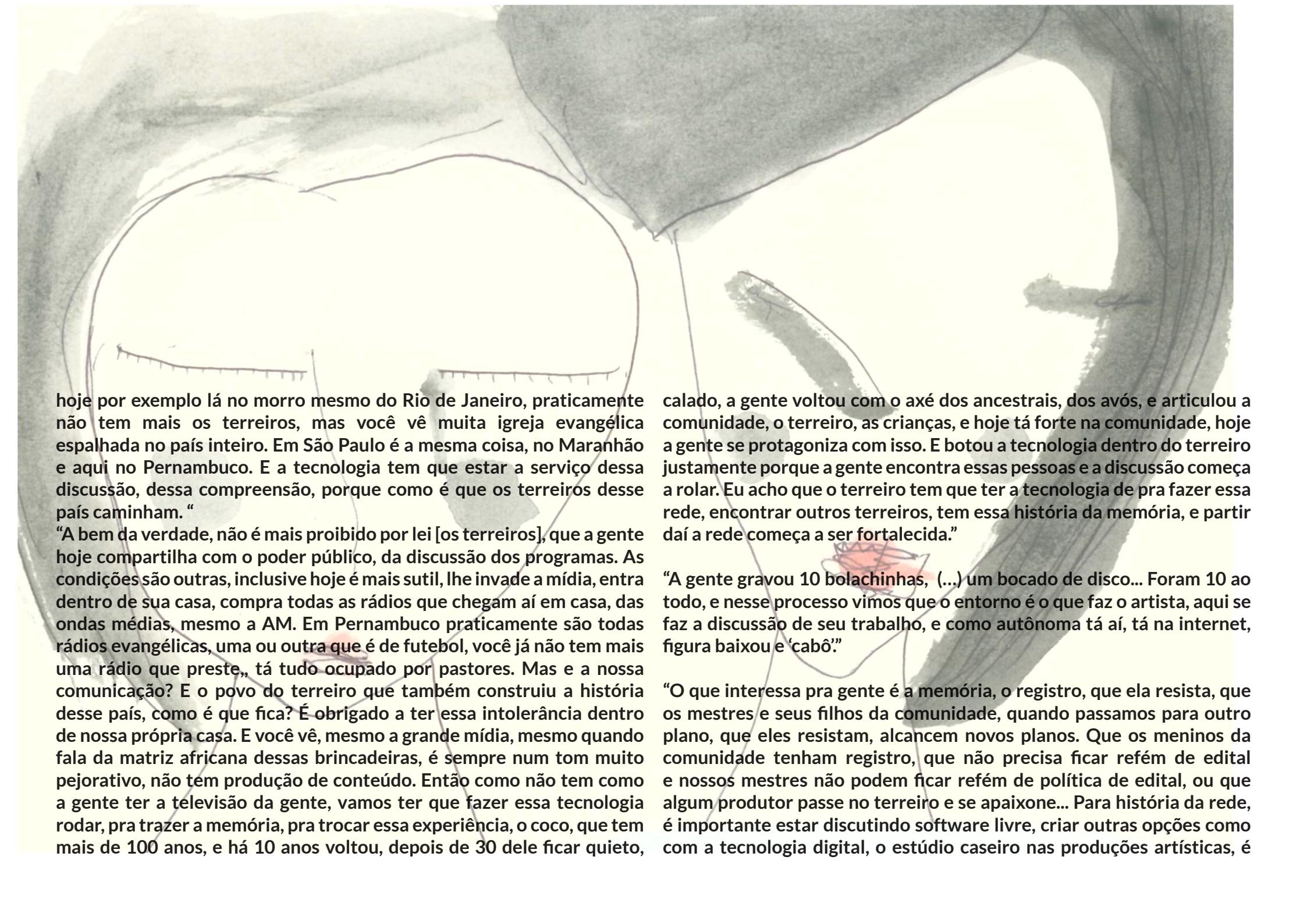
em Pernambuco tem várias rádios e todas elas não tocam a nossa música. E não é só o coco que tem 100 anos e vem dos nossos avós não, também não tocam o frevo, nem o maracatu que tem 200, 300 anos. Não toca música nenhuma que não seja de entretenimento imediato que se cria aí nesses laboratórios pra se ganhar dinheiro, muitas vezes associação pra ganhar dinheiro, prostituir as mulheres.”

“Não se percebe que a rádio é uma necessidade da comunidade, toda comunidade tem que ter sua rádio, sua TV. A televisão não pode ser dominada por um grupo, o país inteiro por Rio ou São Paulo. E é a mesma coisa em Pernambuco... não pode, pense bem.... a gente é uma diversidade muito grande, cada região tem sua especificidade. Como pode a música nordestina não tocar? O frevo, o coco o maracatu não tocavam em Pernambuco. Vinham umas músicas de fuleragem, que massifica, exagera. É horrível, porque uma coisa puxa outra, né? Joga tudo na cadeia e nossa música ancestral, a música de raiz, a música do axé, por exemplo, até da própria família, como é o nosso caso, não toca. Então tem que ter o nosso rádio, tem que ter rádio comunitária. A comunidade tem que começar a se apropriar disso e ver politicamente qual é disso.”

“Em 2004 eu não sabia nem ligar um computador. E a gente se apropria, a gente percebe que é uma ferramenta, e já entrei dentro com o Linux. Quando tinha discussões no inicio do cultura digital em 2004, 2005, eu ouvia Linux Linux, windows, e ficava ouvindo. Ia para as oficinas, as primeiras de metareciclagem, viajava muito, e muitos vinham com uma linguagem técnica e a gente, que queria se apropriar, não acompanhava...”

“A memória em rede é uma das coisas mais essenciais que a gente precisa compreender, o que a tecnologia pode fazer.”

“Uma discussão que é muito importante é sobre a intolerância com as igrejas de matriz africana. E a tecnologia vem com esse suporte, tentando massificar essa discussão, porque hoje as igrejas evangélica, pentecostal, estão invadindo as periferias. Lugar em que você não vê um posto de saúde, uma escola, você não vê policiamento, mas você vê a igreja lá. E uma igreja que nega o orixá da alma brasileira, é uma igreja que nega a brincadeira que a gente trás, a brincadeira ancestral. Então, sob essa perspectiva, a gente como terreiro, como de matriz africana, vai entendendo esse processo, esse movimento que vem cooptando as meninas, os orixás, as matriarcas dos brinquedos, os brincantes - ou os griôs, como se chama - cooptando as pessoas, a igreja tomando corpo. E



hoje por exemplo lá no morro mesmo do Rio de Janeiro, praticamente não tem mais os terreiros, mas você vê muita igreja evangélica espalhada no país inteiro. Em São Paulo é a mesma coisa, no Maranhão e aqui no Pernambuco. E a tecnologia tem que estar a serviço dessa discussão, dessa compreensão, porque como é que os terreiros desse país caminham."

"A bem da verdade, não é mais proibido por lei [os terreiros], que a gente hoje compartilha com o poder público, da discussão dos programas. As condições são outras, inclusive hoje é mais sutil, lhe invade a mídia, entra dentro de sua casa, compra todas as rádios que chegam aí em casa, das ondas médias, mesmo a AM. Em Pernambuco praticamente são todas rádios evangélicas, uma ou outra que é de futebol, você já não tem mais uma rádio que preste,, tá tudo ocupado por pastores. Mas e a nossa comunicação? E o povo do terreiro que também construiu a história desse país, como é que fica? É obrigado a ter essa intolerância dentro de nossa própria casa. E você vê, mesmo a grande mídia, mesmo quando fala da matriz africana dessas brincadeiras, é sempre num tom muito pejorativo, não tem produção de conteúdo. Então como não tem como a gente ter a televisão da gente, vamos ter que fazer essa tecnologia rodar, pra trazer a memória, pra trocar essa experiência, o coco, que tem mais de 100 anos, e há 10 anos voltou, depois de 30 dele ficar quieto,

calado, a gente voltou com o axé dos ancestrais, dos avós, e articulou a comunidade, o terreiro, as crianças, e hoje tá forte na comunidade, hoje a gente se protagoniza com isso. E botou a tecnologia dentro do terreiro justamente porque a gente encontra essas pessoas e a discussão começa a rolar. Eu acho que o terreiro tem que ter a tecnologia de pra fazer essa rede, encontrar outros terreiros, tem essa história da memória, e partir daí a rede começa a ser fortalecida."

"A gente gravou 10 bolachinhas, (...) um bocado de disco... Foram 10 ao todo, e nesse processo vimos que o entorno é o que faz o artista, aqui se faz a discussão de seu trabalho, e como autônoma tá aí, tá na internet, figura baixou e 'cabô'."

"O que interessa pra gente é a memória, o registro, que ela resista, que os mestres e seus filhos da comunidade, quando passamos para outro plano, que eles resistam, alcancem novos planos. Que os meninos da comunidade tenham registro, que não precisa ficar refém de edital e nossos mestres não podem ficar refém de política de edital, ou que algum produtor passe no terreiro e se apaixone... Para história da rede, é importante estar discutindo software livre, criar outras opções como com a tecnologia digital, o estúdio caseiro nas produções artísticas, é

# Drica Veloso

importantíssimo chegar na comunidade, na família, dentro de casa, na vizinhança, estar fazendo esse registro..."

"A minha história começa no ano de 2001, quando eu volto ao Brasil, e está começando o auge da internet, e nós com mais acesso por aqui. Eu estudava jornalismo na época, aqui em Belo Horizonte, e começo a entrar nas listas de discussão. Aí conheci um negócio que era muito bacana, o Centro de Mídia Independente. Depois de uma viagem pela América Latina com a galera do CMI, fico uns dois meses na Argentina, depois Bolívia, pra dar um gás na formação do Centro de Mídia Independente de lá, (...) Quatro meses depois volto pra casa com a cabeça toda mudada, e entre mortos e feridos, muitas brigas, muitos debates dentro do CMI, aquilo muda muito minha vida. E eu volto e ele diz (Daniel Pádua) "Drica, você tem que entrar numa lista, um projeto super legal", e eu, "é? o que

que é?" Aí eu entro nesta lista do tal Projeto Metáfora, e era um loucura, era coisa de 100 e-mails por dia, a galera fritando com milhões de ideias, isso em meados de 2002."

"Ao voltar dos EUA, onde fui pra um acampamento tech ao redor de São Francisco, aí eu de fato começo a usar muito software livre. Eu aprendi muito com o pessoal do Riseup e com o pessoal do Indymedia. Eu de fato começo a usar muito software livre. Eu volto pra Belo Horizonte, minha cabeça a mil, a gente faz um evento aqui em BH um pouco inspirado (...), o Provos, em novembro de 2002. E é muito bacana, antecede um pouco do que seria o Mídia Tática Brasil, claro. com outro alcance."

"Em março, fevereiro de 2003, eu tranco a faculdade e vou pra São Paulo, onde está acontecendo o Mídia Tática Brasil. Poucos meses depois, eu alugo um apartamento em São Paulo. (...) Depois do Mídia Tática, começa a rolar um monte de coisa, abrem-se várias portas pra "n" projetos. Também era a época que o Metareciclagem tinha um galpão num shopping na zona sul de São Paulo, um galpão enorme, um monte de computadores, e eu também ia pra lá direto, aprendi muito nessa época."

"Em 2007, nós estávamos um pouco crus, confundindo um pouco princípios com finalidades objetivos, também com dificuldades em institucionalizar uma rede."

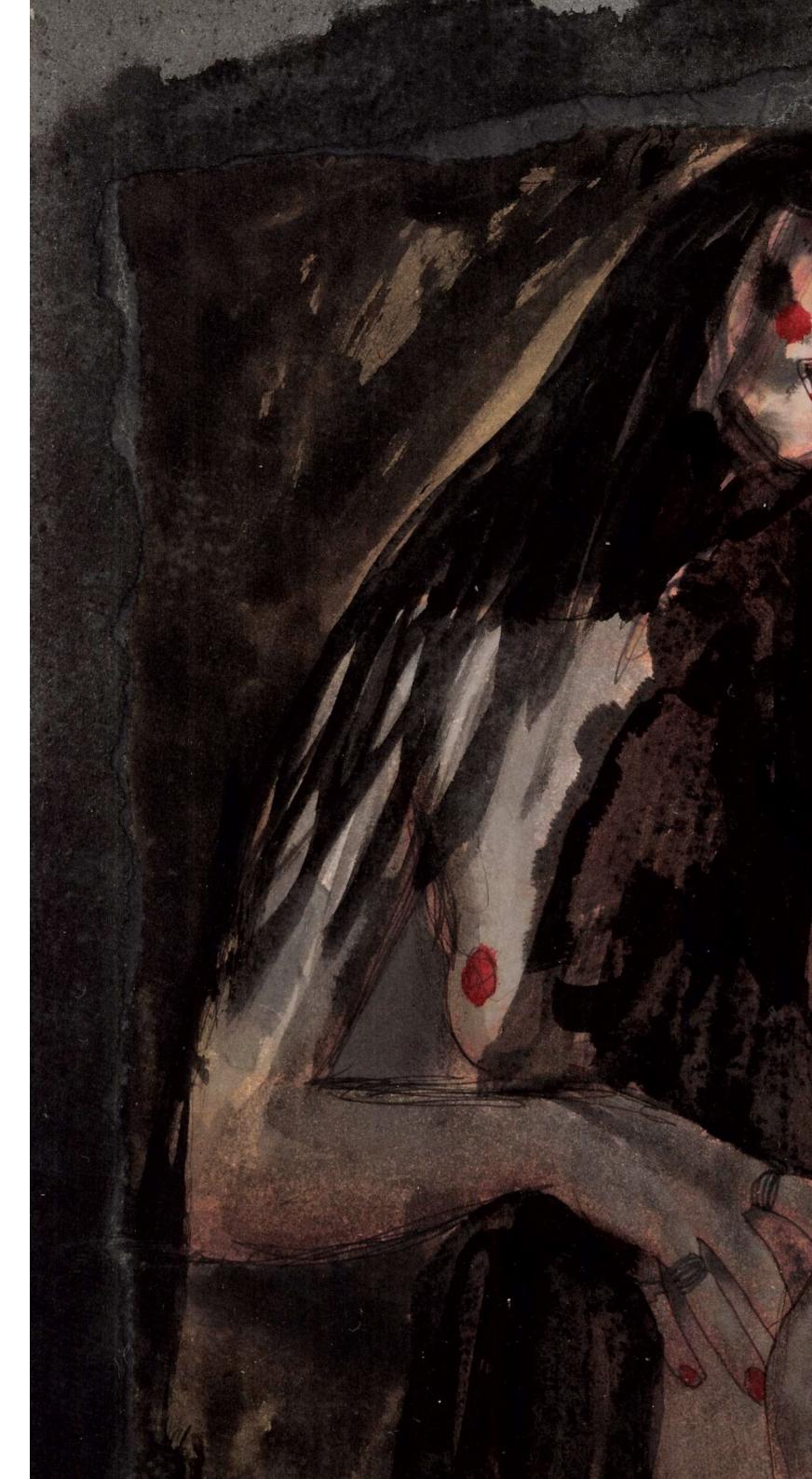
"Nunca gostei muito de política, sempre quis estar fora disso, achava uma coisa muito podre (...) Eu falava com ele (Evan, anarcogeek) sobre isso e ele me perguntava sobre minha formação política. Eu dizia que eu não gostava dessas coisas, achava um lixo... "Isso aqui que é politica pra mim." Ele olhava pra mim e dizia... "é, Drica, você é uma anarquista, vou te falar isso." "Ah, é? Obrigada!" (Risos...) Eu não tinha compreensão dessa micropolítica do cotidiano mesmo, para mim a política era essa coisa macro e eu achava ridículo (...) se resumir a uma eleição a cada 4 ou 2 anos... E vendo tudo aquilo, como algumas nações podiam afetar a vida de várias outras, percebi que sim, existe essa politica no cotidiano, na forma da gente fazer as coisas, desde participar de um site como o Centro de Mídia Independente, incentivar o uso de software livre por parte de organizações governamentais ou não. Então eu tinha esse distanciamento político mesmo, e isso muda completamente depois de 2001, 2002"

"Algumas pessoas dizem que sou radical, que fui ficando mais radical ao longo do tempo. Mas a meu ver eu tenho algumas separações muito claras na minha vida. Por exemplo, o que é ativismo e o que é trabalho. Na época do Cultura Digital, por exemplo, algumas pessoas achavam que aquilo era um ativismo, e eu ria, pois para mim ativista é quem é voluntário numa rádio livre, ou no CMI quem faz uma atividade política sem retorno financeiro, uma atividade cujo fim é político. Meu fim na Cultura Digital, ainda que tivesse um quê de político, meu fim era meu salário no final do mês. Eu acho muito hipócrita você receber um salário de 3500 reais e chamar isso de ativismo, e isso era uma coisa que eu falava e sempre torciam o nariz. Essa é a minha posição, mas não é a de todo mundo. (...) Sempre tive um pouco desse distanciamento, o que é minha formação política e o que é meu trabalho mesmo. É claro que poder conjugar trabalho com formação política é ótimo, muito melhor trabalhar para o Cultura Digital do que para a Globo, ou o Estado de Minas ou SBT, enquanto jornalismo, mas existe uma diferença entre ativismo e trabalho para mim."

**"Acho que existe um radicalismo um pouco sectário demais, tipo, "oh, eu sou ativista, e se não é do meu jeito radical, seu jeito radical também não tá la muito bom" (...) Como existem muitos tipos de anarquismo, existem muitos tipos de radicalismo, e eu vejo no Brasil muito esse radicalismo do tipo sectário, de não aceitar o diferente, alteridade zero. A galera só vê o próprio umbigo, suas ações são as melhores, muito pouco diálogo."**

**"Eu acho que esses programas de governo não cooptaram, aquilo que falava, hackeamos ou fomos hackeados, mas não cooptaram os que eram radicais. Os que eram radicais antes de trabalhar ou não nesses programas de governo, esses continuam radicais. Agora quem não tinha uma posição política ou mesmo não estava inserido dentro de um debate político mais amplo, esses sim acharam aquilo um deslumbramento. Eu fico muito no meio termo, eu acho que ampliou muito o debate político, eu acho que a rede cresceu muito, a rede de pessoas discutindo política e comunicação livre no Brasil. É positiva a diversidade e até os radicalismo de opinião de tudo dentro dessa rede."**

**"Em software livre, nesse nível técnico, a gente tem um avanço muito**





grande que não poderia ser feito sem investimento governamental.”

“Ao mesmo tempo, você continua tendo poucos canais de televisão e um canal de televisão que passa 5 novelas - que a Globo passa todo dia, eu não sei mais porque eu não assisto mais televisão, - eu não duvido não, cara, que da mesma forma que eles fizeram aquela sabotagem lá do Collor e do Lula, eu não duvido que façam algum tipo de manipulação de novo, não. Aí volto ao lance dos radicais, eu acho que nesse sentido fará falta uma aula mais radical aí, eu não sei do poderio que essa galera tem de manipulação e repressão. E quando você tem um pessoal que é crítico, mas é crítico superficialmente, as pessoas não observam da onde vêm as coisas, então é uma crítica até repetitiva, tipo assim, porque um outro criticou eu também vou criticar. Mas você tem poucas pessoas pensando a fundo mesmo algumas dessas questões.”

Sobre os gêneros que dominam a tecnologia..

“... nesse sentido, vem desde pequeninha, eu adorava desmontar carrinhos e aquilo nunca era uma coisa pra menina, né? E então você

tem isso, as mulheres em geral tem isso, é como quando um menino começa a brincar de boneca o tempo inteiro, e eu acho que os homens também sofrem um certo tipo de repressão, porque, enfim, se a criança começa a ficar brincando de boneca o tempo inteiro, os amigos vão chamá-lo de veadinho fácil. Parte daí. As mulheres não são incentivadas a ir mais fundo nas coisas. É uma questão até de uma engenharia um pouco mais complexa, a mesma questão da crítica lá da comunicação , você tem que entender aquilo que você está fazendo. É aquele lance de abrir a caixa preta: ligar um computador com windows é muito simples, qualquer pessoa faz isso, agora entender os passos é outra coisa. Isso é muito pouco incentivado, eu acho que em geral na nossa sociedade, que é uma sociedade do consumo, não interessa o processo, e sim o produto. Acontece que se isso não é muito incentivado na sociedade como um todo, com certeza vai ser necessário uma mão de obra especializada pra que aquilo exista. E essa mão de obra sempre foram pessoas muito especializadas, e homens em geral, e isso vem de uma questão da ciência mesmo, quantas mulheres cientistas existiram? As referências sempre foram muito poucas porque aquilo sempre foi uma coisa para os homens, e com o feminismo, a partir dos anos 60, você tem uma certa reviravolta neste sentido, as mulheres reclamando pelos seus direitos. É muito complexo tratar do tema, porque muitas vezes parece que é uma

agressão aos homens. Na verdade não é, você tem a questão da violência entre os gêneros muito subentendida quando você fala de mulheres e tecnologia, justamente porque sempre foi um ferramenta de dominação dos homens e de repente as mulheres também estão aqui.”]

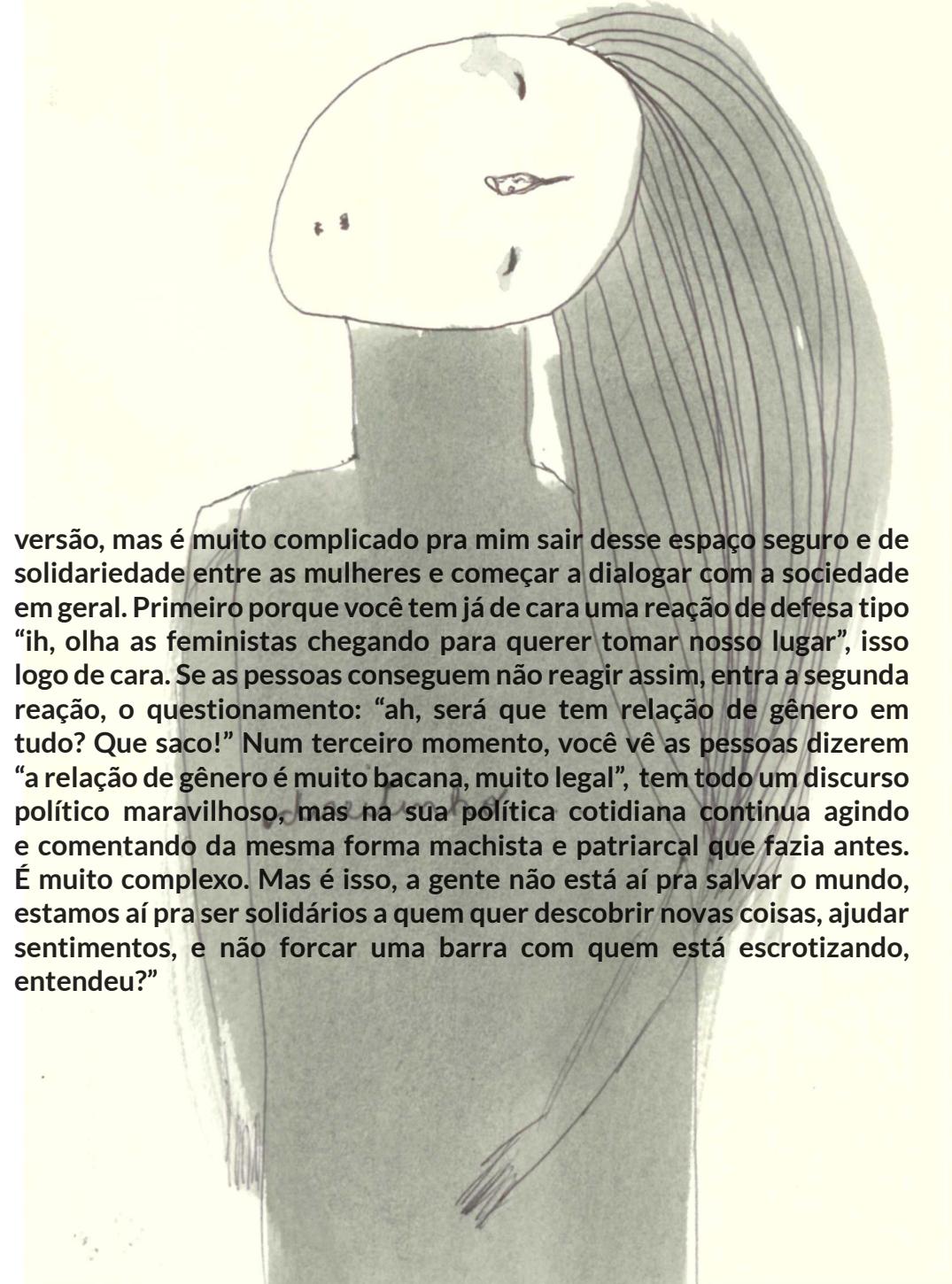
“Eu já passei por N situações desagradáveis por estar em meio a vários homens, escutar piadinhas e comentários incômodos. Às vezes diretamente para mim, às vezes não diretamente, totalmente indiretas, ou os caras me tratando como se eu fosse mais um cara ali no meio... E quando se trata de mulheres e tecnologia tem ainda uma outra questão, a mulher é muito competitiva uma com a outra, seja pelo cara mais bonitinho da turma ou por conhecimento, mulher é muito pouco companheira. Eu falei isso no último encontro do g2g e as meninas quase me mataram, mas no geral é isso mesmo, só que eu acho que isso está começando a mudar sensivelmente na posição das mulheres. Elas estão sendo mais solidárias umas com as outras, e não só em relação à tecnologia, mas na sociedade também. Eu vejo uma mudança nessa solidariedade feminina, nos últimos 15 anos, talvez... Porém, nessa questão de gênero e tecnologia, as mulheres têm um déficit, as mulheres têm um déficit cultural enorme que não dá pra ser modificado da noite

pro dia. t“Sobre o g2g, primeiro ele acaba sendo um espaço seguro. Só tem mulheres ali, tem algumas coisas com homens, mas a gente decidiu permanecer assim mais fechadinho mesmo, mais clube da luluzinha, para ter essa segurança de o que é contado ali, por aquela lista de discussão, fique por ali. Mas é na verdade um grande repositório de experiências, comentários e descobertas. Por ser esse espaço seguro, a gente conta muitos relatos de coisas agradáveis e desagradáveis, coisas que passamos de trabalho, na vida amorosa, enfim. E vamos descobrindo sentimentos e como lidar com certo tipo de frustração com certas coisas como momentos de raiva de alegria. Com o g2g é assim.”

“Essa questão da solidariedade mesmo, eu e Haina, que somos do g2g, fomos pra essa oficina de gênero e tecnologia lá em Santarém e foi muito bacana. A gente fazia oficina que não deixava os meninos entrarem, aí eles fizeram uma entre eles, e visivelmente as meninas ficavam mais à vontade para perguntar e pra ensinar. Éramos eu e Haina para ensinar a abrir o computador e mexer, não era um cara, entendeu? Então eu acho que a gente atuou mais nesse sentido de solidariedade com as mulheres.”

“Sobre essa questão política e um pouco mais macro, não sei se é a minha

versão, mas é muito complicado pra mim sair desse espaço seguro e de solidariedade entre as mulheres e começar a dialogar com a sociedade em geral. Primeiro porque você tem já de cara uma reação de defesa tipo “ih, olha as feministas chegando para querer tomar nosso lugar”, isso logo de cara. Se as pessoas conseguem não reagir assim, entra a segunda reação, o questionamento: “ah, será que tem relação de gênero em tudo? Que saco!” Num terceiro momento, você vê as pessoas dizerem “a relação de gênero é muito bacana, muito legal”, tem todo um discurso político maravilhoso, mas na sua política cotidiana continua agindo e comentando da mesma forma machista e patriarcal que fazia antes. É muito complexo. Mas é isso, a gente não está aí pra salvar o mundo, estamos aí pra ser solidários a quem quer descobrir novas coisas, ajudar sentimentos, e não forcar uma barra com quem está escrotizando, entendeu?”



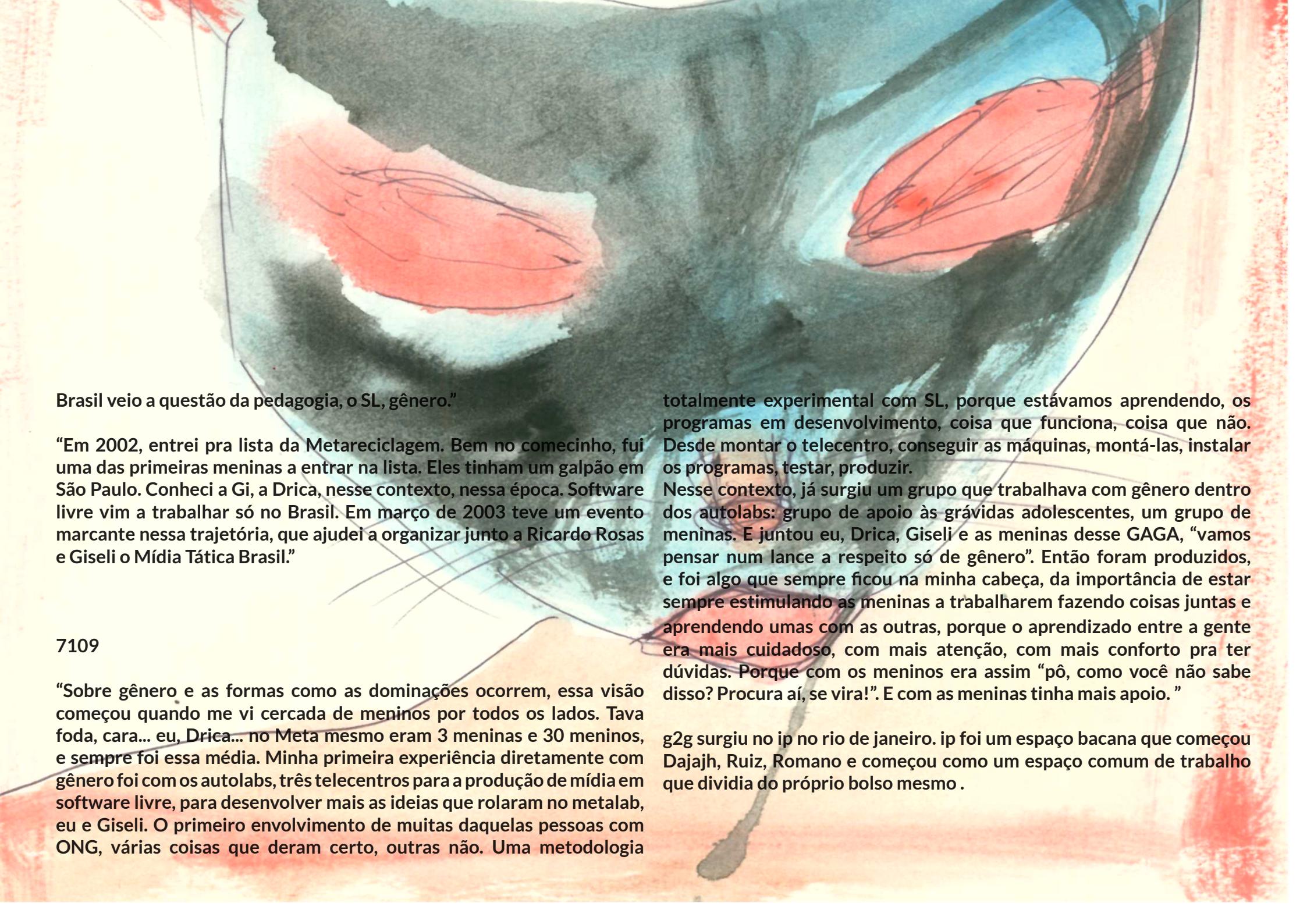
## Karla Brunet

“As viagens pela América Latina acabaram mudando o foco da minha pesquisa de arte eletrônica, arte digital, para arte em rede”

## Tati Wells

“Minha inserção na parte política da informática foi em 1999, num evento chamado Cibersalao, organizado na Inglaterra por Richard Barbrook, com quem estudei depois. Ele trazia à público práticas culturais da tecnologia como feminismo, cibersexo, o contexto europeu com câmera pra tudo que é lado, tudo vigiado... muitos ativistas trabalham esse tema, o da vigilância.”

“Uma coisa que se falava muito era sobre o conceito de netwar, onde analisam como os zapatistas, em 2004, sem internet, conseguiram mobilizar com as ferramentas desenvolvidas pelos estudantes estadunidenses, e com muita verba militar. E como esse ativismo de base poderia ser também uma forma de guerra. Esse viés politizado, do ativismo em rede, zapatismo, existia (na Inglaterra), mas não se falava de software livre. Falava-se em computação ubíqua, tudo, desde os eletrodomésticos, nosso transporte, nossa vida pessoal, por correio eletrônico, tudo mediado por tecnologia, e também sobre como os monopólios de mídia digital são ainda maiores do que os monopólios de mídia clássica, como a tv ou o rádio. E hoje vemos o Google aí, dominando 90 porcento do tráfego de nossa informação de todo o planeta. E aqui no



Brasil veio a questão da pedagogia, o SL, gênero.”

“Em 2002, entrei pra lista da Metareciclagem. Bem no começo, fui uma das primeiras meninas a entrar na lista. Eles tinham um galpão em São Paulo. Conheci a Gi, a Drica, nesse contexto, nessa época. Software livre vim a trabalhar só no Brasil. Em março de 2003 teve um evento marcante nessa trajetória, que ajudei a organizar junto a Ricardo Rosas e Giseli o Mídia Tática Brasil.”

7109

“Sobre gênero e as formas como as dominações ocorrem, essa visão começou quando me vi cercada de meninos por todos os lados. Tava foda, cara... eu, Drica... no Meta mesmo eram 3 meninas e 30 meninos, e sempre foi essa média. Minha primeira experiência diretamente com gênero foi com os autolabs, três telecentros para a produção de mídia em software livre, para desenvolver mais as ideias que rolaram no metalab, eu e Giseli. O primeiro envolvimento de muitas daquelas pessoas com ONG, várias coisas que deram certo, outras não. Uma metodologia

totalmente experimental com SL, porque estávamos aprendendo, os programas em desenvolvimento, coisa que funciona, coisa que não. Desde montar o telecentro, conseguir as máquinas, montá-las, instalar os programas, testar, produzir.

Nesse contexto, já surgiu um grupo que trabalhava com gênero dentro dos autolabs: grupo de apoio às grávidas adolescentes, um grupo de meninas. E juntou eu, Drica, Giseli e as meninas desse GAGA, “vamos pensar num lance a respeito só de gênero”. Então foram produzidos, e foi algo que sempre ficou na minha cabeça, da importância de estar sempre estimulando as meninas a trabalharem fazendo coisas juntas e aprendendo umas com as outras, porque o aprendizado entre a gente era mais cuidadoso, com mais atenção, com mais conforto pra ter dúvidas. Porque com os meninos era assim “pô, como você não sabe disso? Procura aí, se vira!”. E com as meninas tinha mais apoio.”

g2g surgiu no ip no rio de janeiro. ip foi um espaço bacana que começou Dajajh, Ruiz, Romano e começou como um espaço comum de trabalho que dividia do próprio bolso mesmo .

Transc.

rição

\_\_\_Audio: Peça Sonora [Vanessa De Michelis (4propri8)]

Audio transscrito por Vanessa de Michelis, disponível em  
<http://soundcloud.com/4propri8/mutsaz-final-short>

# VINHETA MUTSAZ VERÃO

tags: mulheres, tecnologia, terreiro, ativismo, informática, metareciclagem, cultura digital, música, memória, mídia tática, política, micropolítica

## Cena\_01:

### Tati Wells

eu lembro que eu fui uma das primeiras meninas a entrar na lista do metareciclagem, e na época eles faziam encontros em São Paulo e eu lembro que fui a primeira menina a participar dos encontros, depois veio a Drica, a Gisele..

## Cena\_02:

### Drica Veloso

as mulheres não são incentivadas a ir mais fundo nas coisas, ai é uma questão de uma engenharia um pouco mais complexa, a questão da crítica da comunicação... quando vc vai falar de uma coisa vc tem que saber o contexto daquela coisa. tem que abrir a caixa preta, vc tem que saber como aquilo chegou lá. então assim, ligar um computador com windows é muito simples, agora, entender qual foi o processo para chegar naquilo é outra coisa. isso é muito pouco incentivado na nossa sociedade, que é uma sociedade de consumo, que enfim, não interessa o processo, interessa o produto.

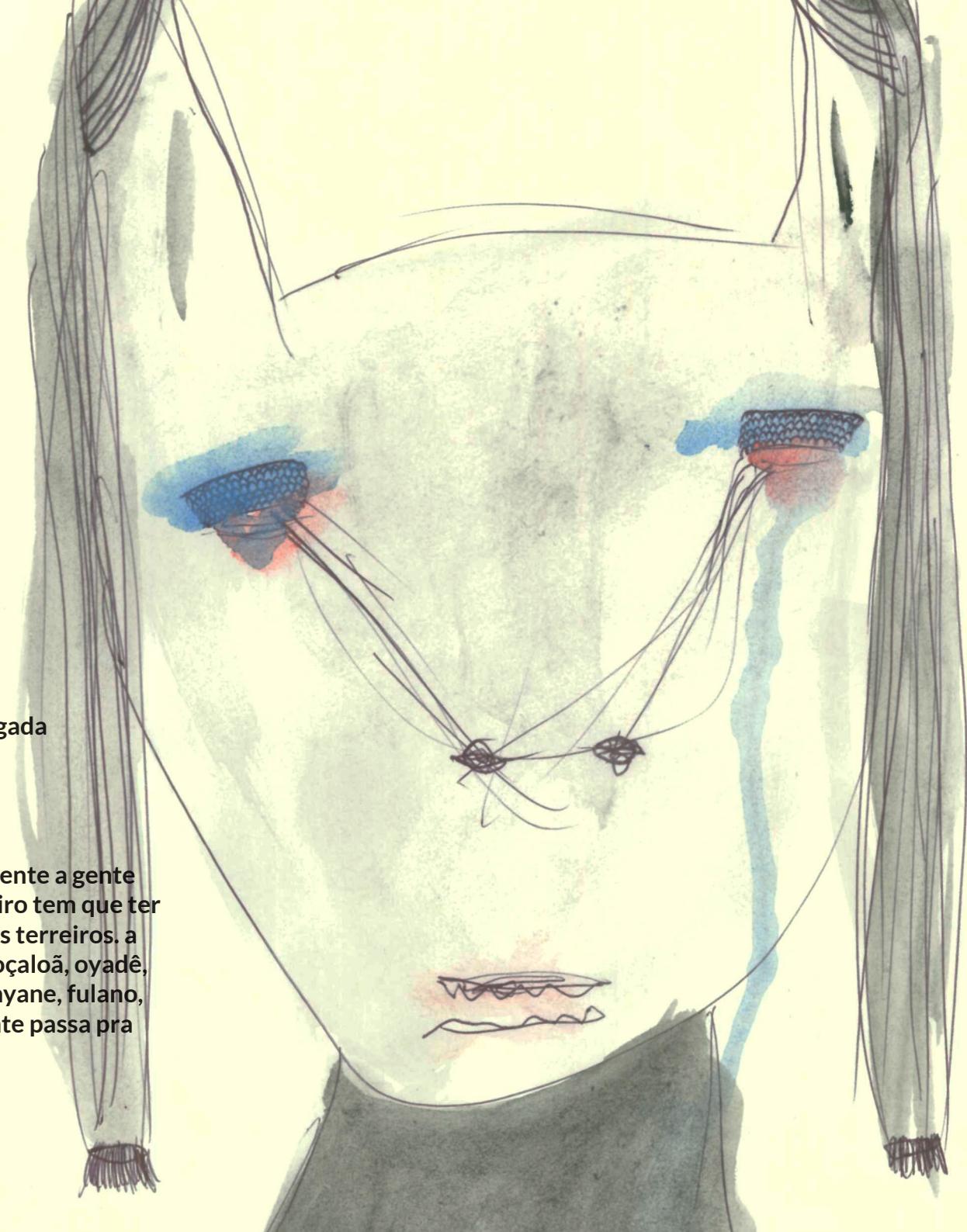
## Cena\_03:

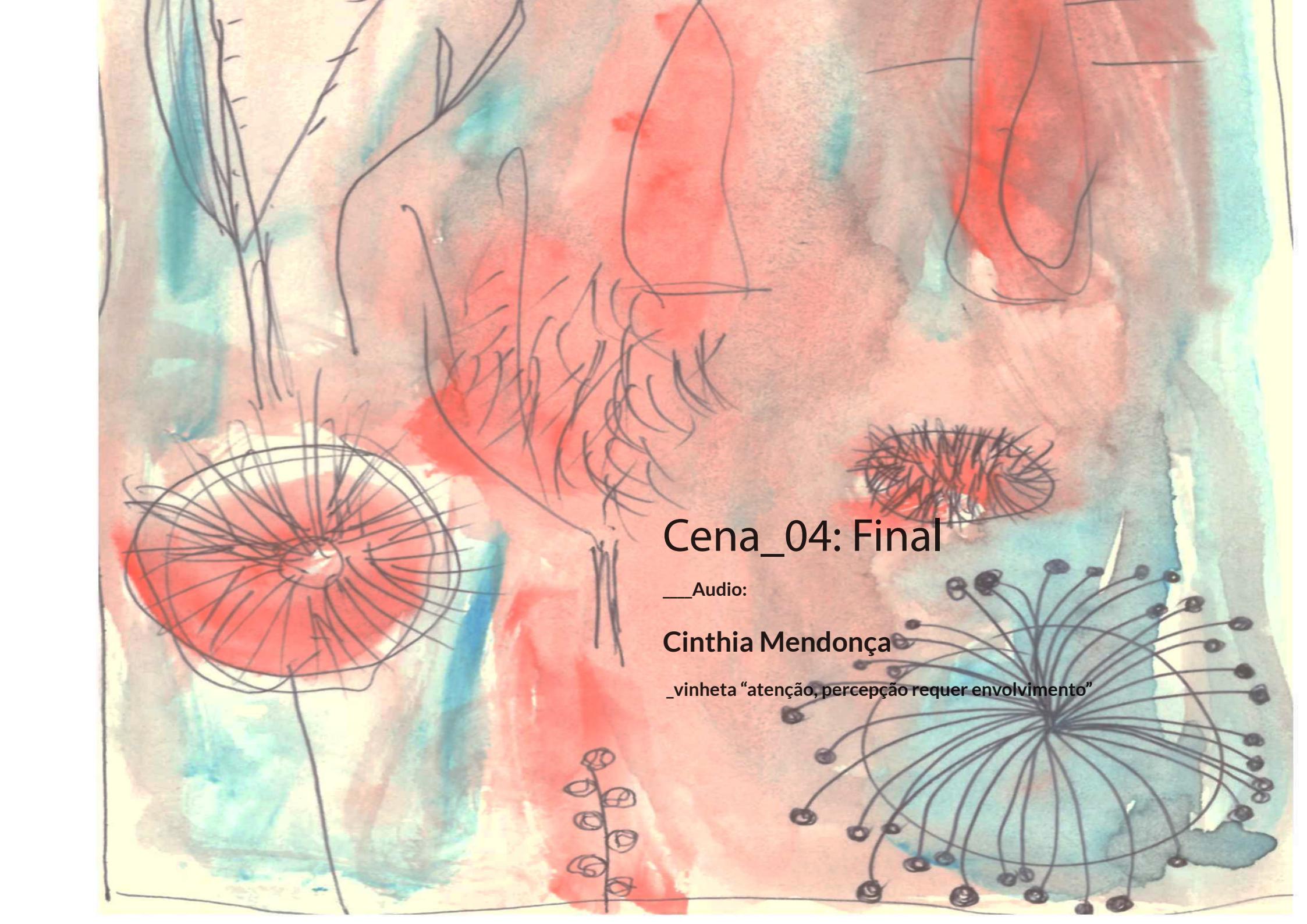
Audio:

Beth de Oxum\_Limoeiro / Beth de Oxum\_Coco de Umbigada

### Beth de Oxum

Botamos a tecnologia dentro do terreiro, porque justamente a gente encontra as pessoas e as coisas começam a rolar, o terreiro tem que ter a tecnologia pra fazer a rede e pra poder ligar com outros terreiros. a preocupação da gente é essa, a memória, é o registro. é oçaloã, oyadê, mandacarê, e inayê, e são também os meus filhos né, é rayane, fulano, ciclano, esses meninos (as) da comunidade. quando agente passa pra outro plano, essa galera tem o registro né?





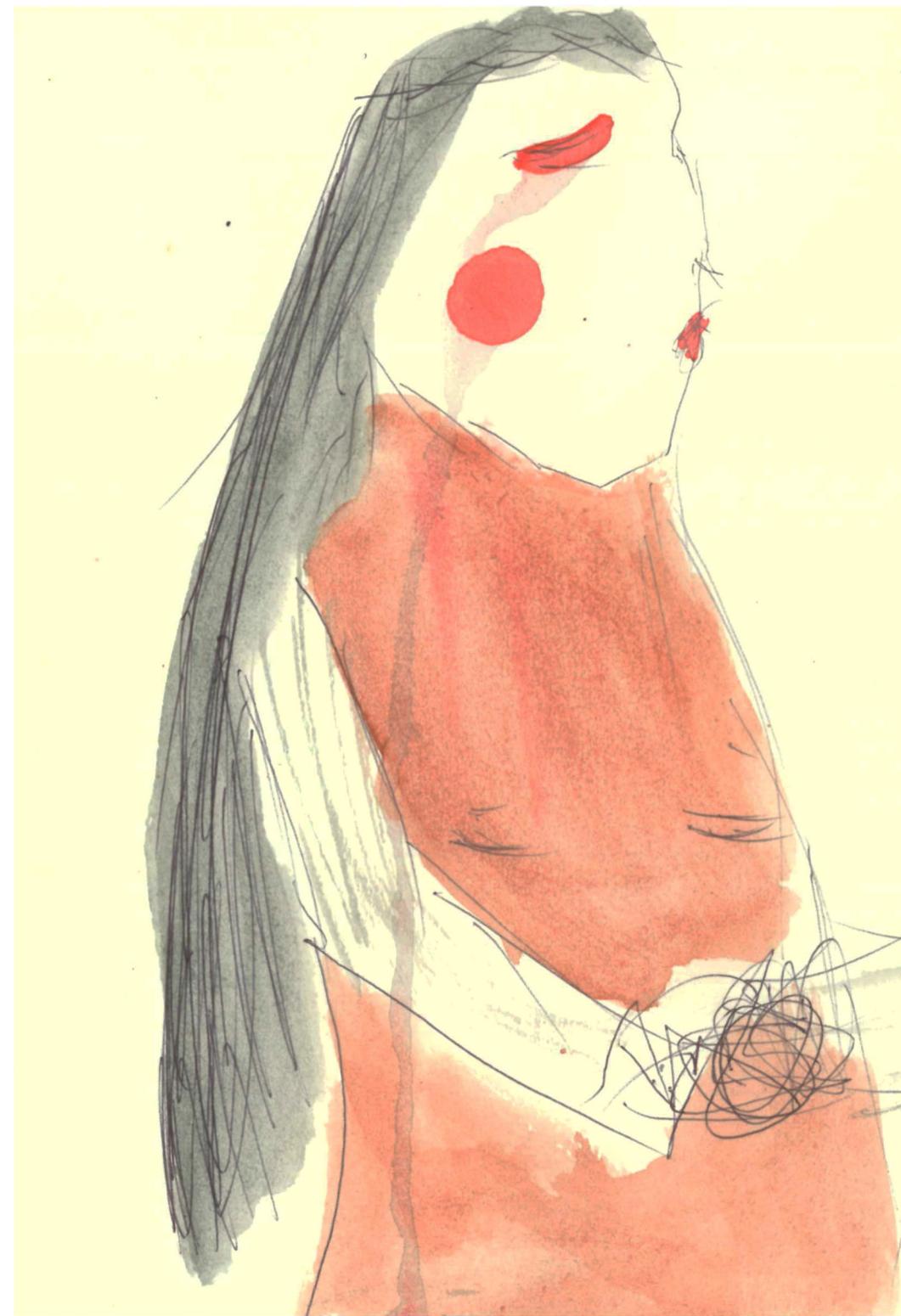
## Cena\_04: Final

—Audio:

Cinthia Mendonça

\_vinheta “atenção, percepção requer envolvimento”

We





rāo



Duas

# Fecha

Ler, ver e ouvir narrativas de mulheres que utilizam como ferramenta de expressão as tecnologias livres sejam como ativistas ou criadoras é inspirador. Nada tem haver com algumas mitologias clássicas que por vezes narram a trajetória de mulheres tão sofridas. Seja na estrutura ou no conteúdo, o que temos aqui são narrativas neomíticas que trazem consigo receitas revolucionárias.

São muitas as amélias, madalenas, electras, medéias, obás, oyás, oxuns, personagens de lendas e mitos que possuem uma narrativa cheia de martírios e destinos trágicos. Na maioria das vezes a heroína tem seu universo centrado na figura masculina e é quase como se a experiência de ser mulher dependesse de sua relação com o homem.

De certa maneira, nossa subjetividade está atrelada a essas mulheres. Basta - necessitamos de mitos que narrem a estória das mulheres de nosso tempo e que contemple os vários universos dos quais fazemos parte. O arquétipo da mulher mantenedora, maternal, rancorosa e vingativa não dá conta de nossas subjetividades. Nossos temas e interesses vão além da velha dicotomia sexista. Novos mitos necessitam ser narrados!

Terminamos essa publicação propondo a todas as mulheres de nosso mundo e outros mundos: vamos tecer nossas odisseias! Vamos narrar lendas sobre os teares hackeados que dão origem aos códigos binários e posteriormente à programação para os computadores. Vamos contar de nossos amores fora de uma perspectiva heteronormativa e ainda dentro de nossa própria revolução sexual.

As narrativas de invisibilidades e silêncios, estas já serão parte de uma estória do passado porque agora narraremos também nossa evidência. Contaremos nossas vitórias como pessoas, como feministas, como seres múltiplos que somos, não deixaremos de fora nosso questionamento sobre ser mulher, sobre estar mulher, os universos trans, multi - nossos trânsitos pós-gêneros, para além de nossas bucetas: nomadismos, ativismos, hardware, software, metareciclagem, liderança comunitária, criação, união, apropriação, arte.



Apropriações foram feitas, desejos foram questionados, apontamentos sobre micropolíticas e microrevoluções, desta maneira, consentimentos vão sendo costurados nessa trama neomítica e seremos yupanas, annes, adas, beths, dricas, taciras, tainás, vanessas, tatianas, sílias, karlas, lucianas...

**Cinthia Mendonça**



Tudo aqui é livre. Ainda não decidimos uma licença geral